



Arte Urbana¹

Kaehryan Alyssa FAUTH²

Angélica LÜERSEN³

Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, SC

RESUMO

A partir da proposta acadêmica de um ensaio fotográfico sobre “cultura popular” na região de Chapecó, surgiu a ideia de fotografar as obras de grafite que estampam muros e construções abandonadas da cidade. O objetivo do trabalho foi expor a arte do grafite e falar sobre sua importância na cultura social e sensibilização artística. O foco das fotografias foram as produções do grafiteiro Rodrigo Cardoso, que é chapecoense e apresenta características autênticas em suas obras. A proposição do trabalho se deu no intuito de aplicar as técnicas e linguagem fotográfica apreendida na disciplina, além de aperfeiçoar as práticas que envolvem a fotografia analógica, desde a ação de fotografar, até a revelação e ampliação fotográfica.

PALAVRAS-CHAVE: arte; expressão; fotografia; grafite.

1 INTRODUÇÃO

A partir da década de 60, começa na Europa um novo movimento dentro das sociedades alternativas, uma forma de expressão através da arte: a arte de grafitar. Grafite, segundo o dicionário Aurélio (2009, p. 438) é “palavra, frase ou desenhos feitos em muro ou parede de local público”. A essência do movimento é distorcida e apesar de se propagar, é vista como um ato de vandalismo aos espaços públicos. Com o olhar voltado para a arte, não demorou para que o grafite deixasse de ser ato de vandalismo, para ser visto como vetor de transformação social, inclusão e precursor do reconhecimento da arte de rua.

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade fotografia jornalística.

² Aluno líder e estudante do 5º semestre do Curso de Jornalismo da Unochapecó, email: kaehryan@unochapeco.edu.br.

³ Orientador do trabalho: Professora do Curso de Jornalismo da Unochapecó, email: angelica.luersen@gmail.com.



2 OBJETIVO

Mediante o uso da técnica de captação fotográfica o trabalho teve como principal objetivo expor o que é o grafite e falar de sua importância na cultura social e sensibilização artística. Além do mais, a proposta teve como intuito desmistificar a visão preconceituosa que parte da população tem em relação a determinados grupos e manifestações artístico-culturais, como da sociedade alternativa dos grafiteiros e suas artes expressivas, a partir de uma abordagem informativa e, ao mesmo tempo, artística. Acredita-se que a informação e a sensibilização por meio da fotografia sejam a melhor maneira de romper com o olhar estereotipado.

3 JUSTIFICATIVA

Muitas pessoas vêem na arte de rua uma forma de vandalismo, enquanto na verdade a real motivação destes artistas é de embelezar as edificações e expressar os mais diversos sentimentos. A arte da rua vem como uma forma de manifestação que sai dos padrões urbanos comuns. Os grafiteiros, em grande maioria, procuram pintar suas obras em prédios abandonados, com parte da edificação demolida, que não vá interferir no patrimônio de um cidadão. Hoje, porém, o cenário deste tipo de manifestação artística está para além de edificações abandonadas, ou seja, é também paredes de lojas, casas e entidades.

Uma citação expressiva a respeito da arte de expressionismo urbano é a do urbanista francês Marelo Roncayolo, presente no livro da arquiteta Vera Maria Pallamin:

Conhece-se mal, a bem da verdade, os mecanismos pelos quais uma cultura popular, eventualmente uma contracultura, modifica os objetos urbanos constituídos ou os modela. Essa reflexão convida simplesmente a pensar que os modos de habitar não são simples reflexo das desigualdades ou mesmo de conflitos sociais enquanto tal; seria preciso procurar, através da grelha urbana, as manifestações de liberdade, as reivindicações de autonomia, a construção do coletivo ou a defesa do privado à margem das hierarquias sociais reconhecidas. Seria preciso criticar de novo a lógica do lugar muito frequentemente admitida pelos urbanistas e questionar, ao contrário, como os grupos sociais, nos atos e pensamentos, produzem em seu meio. (RONCAYOLO, 1990, p. 179 apud PALLAMIN, 2000, p. 23).



O artista que fez a obra retratada na fotografia é Rodrigo Cardoso, também conhecido como Digo. Atualmente ele cursa o 5º período do Curso de Design Visual na Unochapecó e foi pioneiro na *street art* (arte de rua) com técnica de grafite na cidade de Chapecó, Oeste de Santa Catarina. Ele começou a ler e se interessar pelo assunto em 2001, e foi a partir daí que vieram esboços de artes, e logo já estava praticando em paredes.

O grafiteiro diz que costuma retratar cenas do cotidiano, sentimentos e momentos de sua vida, com traços artísticos distintos. Sobre as inspirações de Digo, fica evidente a influência baseada em contextos do grafite e de um universo relacionado à cultura e arte urbana. “Gosto muito do artista Stephan Doitschinoff e do Nestor Junior, tem muitos outros também, mas, que não influenciam diretamente no que eu faço”, e evidencia “Estilos diferentes me inspiram a fazer mais”. Em lugares abandonados e desprezados pela população em geral, Rodrigo encontra o cenário perfeito para a elaboração de sua arte. Segundo ele, as pessoas nunca reparam nestes lugares, e se há arte, as pessoas passam a reparar mais em função dos desenhos.

Stephan Doitschinoff, conhecido como Calma, é paulista e autodidata. Tem suas influências a partir de diversos tipos de crenças e rituais religiosos. O artista pratica suas artes em casebres, igrejas e até mesmo em cemitérios, que constroem cenas. Seus projetos já lhe renderam inclusive o prêmio de Artista Revelação de 2009, pela Associação Paulista de Críticos da Arte - APCA.

O outro artista citado por Digo é da cidade de Blumenau, Santa Catarina, tem 26 anos e diferente de Calma, diz que sua inspiração vem das mulheres de sua família, do mar, de pessoas estranhas e de lembranças da infância na fazenda (em entrevista para o blog Massa).

O grafite é uma arte que precisa ser estudada e planejada minuciosamente. É um projeto no qual o grafiteiro precisa ter noção do espaço que irá usar, além de método técnico da arte, produtos, e principalmente a construção de sua figura central, do sentido que ela deve transmitir.

Sobre o preconceito que ronda a arte de grafitar, o chapecoense afirma, “O desconhecimento dessa arte leva a isso”, e conclui “Hoje, se alguém não quer o grafite no seu muro, o vizinho quer”. O que para uns é uma forma de vandalismo, não passa de uma forma de expressão pessoal, que vem de sentimentos, às vezes até mesmo como uma forma de protesto. Convém dizer que há uma certa confusão no que diz respeito ao grafite e as pichações. De modo geral, o grafite são desenhos artísticos estampados nas



paredes, enquanto as pichações são os atos de vandalismo propriamente ditos. A informação é fundamental para tornar a arte do grafite conhecida e reconhecida. É preciso que a população se conscientize de que liberdade de expressão é direito universal. Urbanografia é uma forma de expressão e deve ser respeitada, sobretudo como uma arte, dentro de suas singularidades e percepções.

Como papel social do jornalista, deve haver uma percepção para reconhecer que as tribos precisam de espaços para respirar a arte. Com a singularidade de muitas, o grafite acabou por criar uma nova tribo: a dos grafiteiros. Não no sentido pejorativo, e sim, no sentido autêntico que merecem ter diante dos desenhos e traços distintos de cada artista. A imparcialidade deve estar presente, mas a sensibilidade deve estar a frente para reconhecer o que é de fato um malefício ou um artifício cultural no meio da selva de pedra das grandes cidades.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para o desenvolvimento do trabalho foi utilizada uma câmera fotográfica analógica FM10 com filme Preto e Branco, TRIX, ISO 400, de revelação manual. A revelação do filme se deu no laboratório do curso, assim como a ampliação fotográfica. Para o filme foram utilizados no processo o revelador D76, interruptor, fixador e água. Para a ampliação fotográfica o revelador Dektol, interruptor, fixador e água. Todos os procedimentos de captação fotográfica foram manuais, utilizando técnicas e a experimentação da linguagem fotográfica apreendida na disciplina.

A fotografia foi feita no centro da cidade de Chapecó durante o período da tarde, mais especificamente no final da tarde. Esta escolha se deu em função de que a condição de luz no início e no final do dia são mais propícias para fotografias externas. A abertura utilizada foi 5.6, velocidade 250, e a objetiva utilizada foi 35 – 70mm. A fotografia é vertical, com ângulo de visão normal, que é, de fato, o mais utilizado no jornalismo.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O trabalho de captação fotográfica foi executado na disciplina de Fotografia do Curso de Jornalismo da Unochapecó. A proposta foi a produção de um ensaio fotográfico dentro do tema “cultura popular”, que teve como objetivo principal reconhecer



manifestações culturais e expressá-las nas fotografias. Durante o processo de produção, pesquisamos sobre diversos temas culturais dentro da realidade regional do Oeste do estado de Santa Catarina. Ao pensar no foco, surgiu a questão “O que é mais popular do que a arte de rua?”, que é de fato arte ao alcance público, e nesse contexto a opção por um tema que revelasse a arte do grafite.

A escolha do ângulo de abordagem do ensaio foi “Arte urbana”, dentro de um contexto que visa modificar o olhar da população para reconhecer o real valor das artes urbanas. A opção de focar nas produções do chapecoense Rodrigo Cardoso foi uma tentativa de aproximar e exaltar a cultura local. Depois da produção fotográfica, propriamente, ainda na disciplina de Fotografia, tivemos a oportunidade de praticar todos os processos, desde revelação do filme, até ampliação das fotografias. Em seguida, foi feita a seleção da fotografia que melhor representava a ideia inicial e, ainda, apresentava um contexto informacional.

A fotografia foi feita com filme preto e branco. A opção pelo preto e branco se dá também pelo fato de que as cores preto e branco, bem como suas gradações de cinza, concentram a atenção do observador no fato e na ideia representada. Ainda que o grafite tenha nas cores uma importante linguagem, o PB foi visto aqui como uma forma mais expressiva de comunicar.

6 CONSIDERAÇÕES

A partir do estudo, percebe-se que não se trata de vandalismo, e que a arte urbana deve ser reconhecida como uma forma de expressão e não uma ofensa a patrimônios, públicos ou privados. Esta arte tende a crescer cada vez mais por ser uma maneira descontraída de idealizar e transmitir ideias, sentimentos. Deve ser respeitada a liberdade de expressão artística das obras e a formação autodidata ou não dos artistas que trabalham com ela, sobretudo a efemeridade ao qual estão submetidas. Acima de tudo, a arte do grafite é surpreendente pelo fato de “pertencer ao mundo”, é a real arte de liberdade de pensamentos, que foi aceita aos poucos, mas está cada dia mais presente nas cidades e tem hoje reconhecimento, ainda que não completamente. É uma arte de rua para a rua, se abstendo de paredes, que poderiam afogar esta manifestação e sem dúvidas, o alcance dela sobre a sociedade. A arte do grafite é mais do que simples desenhos, simples frases ou palavras, grafite é liberdade de expressão, até mesmo uma



forma de protesto, como visto durante o período da Ditadura Militar no Brasil. A arte não deve ser vista de maneira ofensiva, e sim, como a verdadeira arte que deve ser reconhecida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

IRIZAGA, Vanessa. **Grafite:** expressão artística das ruas. Em: <http://www.portalsatc.com/site/?pagina=subareas/noticias/detalhes.asp&i_area=1&i_conteudo=5385&titulo=Grafite:%20express%C3%A3o%20art%C3%ADstica%20das%20ruas>. Acesso em: 26 março 2012.

MARTINELLO, Geovana Tiscoski. **Massa entrevista Nestor Jr.** <<http://choquecultural.com.br/blogs/stephandoitschinoff/>>. Acesso em: 25 março 2012.

Em: <<http://www.massacultural.com/2009/09/02/massa-entrevista-nestor-jr/>>. Acesso em: 25 março 2012.

FERREIRA, Marina Baird; ANJOS, Margarida dos. **Mini Aurélio:** o dicionário da língua portuguesa. 7. Ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

PALLAMIN, Vera M. **Arte Urbana** - São Paulo: Região Central (1945-1998) Obras de caráter temporário e permanente. 1. Ed. São Paulo: Ed. Annablume, Fapesp, agosto, 2000.